

Conflitos do mundo

Um panorama das guerras atuais

Nelson Bacic Olic

Geógrafo. Autor de livros paradidáticos. Coautor de *Geografia do Sistema Uno de Ensino* (Editora Moderna). Um dos editores do boletim *Mundo — Geografia e Política Internacional* (Editora Pangea)

Beatriz Canepa

Graduada em jornalismo pela PUC-SP e Ciências Sociais pela USP. Mestre em Relações Internacionais pela New School University, Nova York.

Orientações pedagógicas e Sugestões de atividades

Maria Lúcia de Arruda Aranha
Marcelo Ribeiro de Carvalho

A OBRA

A história da humanidade é uma trajetória contínua de guerras. Desde a Antiguidade, os livros registram a saga de heróis guerreiros, suas artimanhas, suas vitórias, suas derrotas. Os conflitos mais recentes, abordados no livro, não foram analisados ou agrupados segundo um critério temporal, mas sim usando como referência suas localizações geográficas em termos continentais ou macrorregionais. A escolha dessa abordagem levou em conta o fato de que cada vez mais o “entorno” das áreas conflitadas interfere nos rumos das “guerras atuais”.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

O suplemento tem a finalidade de auxiliar o trabalho em sala de aula, dando subsídios para o melhor aproveitamento do texto. Ainda mais quando se trata de obra de leitura complementar, que visa justamente aprofundar o conhecimento, ampliar o leque de análises possíveis de determinados temas e abrir o horizonte dos alunos em múltiplas direções.

Em sintonia com as exigências dos novos tempos, as atividades propostas não se limitam à simples “devolu-

ção” mecânica do que foi lido, porque o mundo de hoje exige muito mais do que isso.

De fato, há tempos, os pedagogos advertem sobre a importância de dar condições ao leitor para que ele se aproprie de um texto de forma adequada e se torne capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos em situações as mais diversas. Mas o que infelizmente tem sido constatado em pesquisas educacionais realizadas até mesmo por órgãos internacionais é que nem sempre nossos jovens conseguem ser bons leitores.

Para reverter esse quadro, é preciso considerar que a simples transmissão de informações não é suficiente, embora com isso não estejamos menosprezando a aprendizagem dos conteúdos. Estes são importantes, desde que sua apreensão esteja ligada ao *desenvolvimento de competências*, ou seja, à *capacidade de utilizar, integrar e mobilizar esses conhecimentos em novos contextos*, diante dos problemas e desafios que precisamos enfrentar, seja no trabalho, seja na vida pessoal e social.

Em função dos avanços tecnológicos e da constituição de uma sociedade informatizada, as profissões nascem e se modificam com velocidade surpreendente, e o excesso de informações disponíveis exige uma educação diferente da tradicional.

INTERDISCIPLINARIDADE

Dizendo de outro modo, no mundo do trabalho precisamos de pessoas que tenham flexibilidade para enfrentar rapidamente situações novas, com capacidade inventiva e espírito de grupo. Diante da avalanche de informações, que elas sejam críticas o suficiente para selecioná-las e avaliá-las. Diante dos riscos de massificação, que possam manter a autonomia do pensar e do agir.

É verdade que o desafio é grande e exige mudanças de comportamento nas mais diversas áreas de atuação. No que concerne ao nosso espaço de leitura, as reflexões que podemos fazer a respeito se referem a alguns pontos que passaremos a destacar.

COMPREENSÃO DO TEXTO

Compreender um texto supõe exercitar a disposição de “ouvir o autor” (anterior à tentação de “polemizar” com ele); perceber quais as ideias centrais do seu pensamento e a maneira pela qual argumenta. Nessa fase, é importante que o professor verifique se o leitor sabe identificar o autor, a editora, se sabe consultar um sumário, se faz anotações (como esquemas e fichamentos) durante a leitura, se levanta as dificuldades de vocabulário e se discrimina os conceitos fundamentais.

INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DO TEXTO

A interpretação e a crítica revelam dois momentos posteriores à compreensão. Nessa fase começa-se a “ler nas entrelinhas”, a identificar as posições do autor, os valores subjacentes, a coerência da exposição, o que significa estabelecer um *diálogo* com o autor, concordando ou não com algumas argumentações desenvolvidas, antepondo a elas as suas próprias visões de mundo.

PROBLEMATIZAÇÃO

A problematização é uma espécie de coroamento do trabalho intelectual de decifração de um texto. Nessa fase é importante a *contextualização*, pela qual as informações e os conceitos são confrontados com nossa experiência de vida, com os problemas a serem enfrentados, identificando as ressonâncias provocadas pela leitura, vivificando-as, por assim dizer. De nada adianta acumular conhecimentos se estes não nos servirem para nosso cotidiano. Só assim poderemos dar significados ao mundo e à nossa própria realidade.

A interdisciplinaridade é a tentativa de superar a compartimentalização das disciplinas, integrando os conhecimentos esparsos em uma visão holística, global. De fato, se no mundo contemporâneo até as ciências rompem fronteiras com a criação das chamadas ciências híbridas, também os estudantes precisam ampliar o olhar além dos enfoques precisos de uma determinada disciplina, descobrindo a complementaridade entre as áreas do saber.

Evidentemente, a ordem pela qual expusemos esses diversos passos é apenas didática, cabendo ao leitor não desprezar essas etapas, mas exercitá-las sempre que possível. É dentro desse espírito que sugerimos as questões seguintes.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Apresentamos algumas sugestões de atividades, lembrando que poderão ser aproveitadas de diversas maneiras, seja para seu uso integral, seja selecionadas segundo o tempo disponível e as características dos alunos. O professor poderá ainda inspirar-se nelas para elaborar outras propostas, de acordo com as necessidades de sua comunidade.

Independentemente do tipo de questão sugerida, poderão ser escolhidas as que demandam análises simples ou até propostas mais complexas, reflexivas, que se relacionam com procedimentos atitudinais ou até mesmo o desenvolvimento de projetos pedagógicos envolvendo vários componentes curriculares. O esforço da elaboração pessoal das próprias ideias é fundamental para a autonomia do pensar.

Quando necessário, algumas questões são acompanhadas de esclarecimentos cuja intenção é oferecer pistas que ampliem o trabalho de pesquisa dos alunos.

É importante destacar que, ao lado do trabalho individual, devem ser estimulados os debates, o confronto de opiniões, as atividades em equipe: esse ainda é um exercício de pluralismo, tão essencial à democracia.

1. Pedir aos alunos que leiam o texto “O drama da população civil”. Com base nos dados da tabela “Os conflitos mais letais da virada do milênio”, peça que pesquisem e comparem com o número de vítimas da violência urbana nas principais cidades brasileiras (acidentes de trânsito, assaltos, chacinas...) em períodos semelhantes.

Após o levantamento dos dados, proponha que os alunos inicialmente estabeleçam uma relação de proporção entre o número de habitantes dos países da tabela e o

respectivo número de mortos com o número de habitantes das regiões metropolitanas escolhidas e os respectivos índices de criminalidade.

Num segundo momento, orientar um debate sobre os números obtidos, analisando: Onde está a verdadeira guerra? Quais as principais diferenças entre elas? Que aspectos em comum elas têm?

2. Com base nos textos “A ascensão das identidades nacionais” e “Estados em colapso”, peça aos alunos que: a) definam o que é nacionalismo e etnia; b) exponham livremente o significado de “ser brasileiro”; c) identifiquem que elementos comuns aparecem nas falas e podem estabelecer uma “identidade brasileira”; d) comparem as respostas com a afirmação do jornalista Michael Ignatieff sobre nacionalismo (pág. 23).

3. A partir da leitura do capítulo sobre “Conflitos africanos” e com a ajuda de um bom atlas, os alunos poderão estabelecer comparações importantes para o entendimento de fatores históricos e geográficos que podem ter alguma interferência nos conflitos.

Em duplas, com um mapa físico da África, os alunos devem identificar os principais acidentes geográficos existentes tanto no litoral quanto no interior. Em seguida, com um mapa político da África, de preferência na mesma escala, devem tentar responder questões sugeridas pelo professor, como: a) Quais os países que têm a presença do deserto do Saara? As condições do deserto contribuem para agravar algum conflito dos apresentados no capítulo?; b) Quais os países que fazem parte do Sahel? É possível associar os problemas ambientais do Sahel com guerras entre os países que compõem a região?; c) Onde nasce e quais são os países cortados pelo rio Nilo? Nos capítulos estudados foi mencionado algum conflito entre eles?; d) Onde nasce e para onde corre o rio Congo? Dos países cortados por esse rio qual apresenta maiores problemas políticos?; e) Quais os países que compõem o golfo da Guiné? Dos países indicados quais, atualmente, vivem sob algum tipo de conflito?; f) Que estreitos e canais tem de atravessar um navio que queira contornar toda a África? Algum desses estreitos e canais está associado a algum país africano atualmente envolvido em conflito?; g) Onde estão os mais altos picos e lagos do continente africano? Há algum país dessa região indicada passando por uma situação de guerra ou crise política interna?

4. Outra atividade vinculada à cartografia africana, seguindo a mesma dinâmica, pode comparar o mapa político atual com os mapas do processo da colonização

européia sobre o continente. Vale lembrar que ao longo das décadas de dominação estrangeira sobre a África, desde o final do século XIX até meados do século XX, existiram várias mudanças nas fronteiras sob domínio dos colonizadores (o professor deve ter cuidado ao escolher o mapa histórico a ser utilizado).

Inicialmente, a partir do(s) mapa(s) histórico(s) escolhido(s), os alunos, em dupla novamente, podem identificar quais potências europeias tiveram, ao longo do processo de colonização, maior ou menor controle sobre o continente.

Com a ajuda do mapa físico podem identificar se algum acidente geográfico coincide com as fronteiras estabelecidas e se, aparentemente, algum rio, montanha ou lago, por exemplo, contribuiu ou dificultou o controle sobre o território.

Num próximo passo, devem comparar o(s) mapa(s) histórico(s) escolhido(s) com o mapa político atual e perceber quantos e quais países surgiram a partir dos territórios de cada colonizador.

Finalmente, usando um almanaque que contenha dados dos países africanos como a(s) língua(s) oficial(is) e a composição étnica, comparar com as observações feitas nos mapas e redigir um pequeno texto ou preparar uma pequena apresentação, respondendo: a) A partir dos mapas observados é possível identificar quais eram os interesses dos colonizadores sobre a África? b) É possível perceber a influência do colonizador no quadro étnico-cultural da África atual a partir das comparações entre o(s) mapa(s) histórico(s) e os dados do almanaque?

5. Após a leitura dos textos: “O grande arco das crises asiáticas” e “Afeganistão: guerras sem fim”, com ajuda de um atlas ou, de preferência, de um mapa mudo da Ásia (só com a divisão política dos países, sem os nomes), os alunos podem trabalhar seguindo o seguinte roteiro: a) Caso seja possível usar o mapa mudo, confiando na memória de cada um, os alunos devem inicialmente tentar colocar no mapa o maior número de nomes de países possível. Em seguida, com a ajuda do atlas, conferir acertos e corrigir os erros; b) A partir de um mapa político da Ásia deve-se estabelecer uma divisão regional do continente conforme sugerida pelo autor no texto “O grande arco das crises asiáticas” e apoiada no mapa da página 115. Devem constar as seguintes divisões: Oriente Médio, Ásia Central, Subcontinente Indiano, Extremo Oriente e Sudeste Asiático.

Os alunos então devem: a) Identificar quais países pertencem a cada uma das 5 subdivisões (no mapa da página 115 não estão os nomes de todos os países, portanto, os alunos devem completá-lo; b) Identificar os

países que devem fazer parte das subdivisões Extremo Oriente (China, Mongólia, Japão, Coreias e Taiwan) e Sudeste Asiático (demais países) que só são citadas no texto, mas não estão destacadas no mapa; c) Explicar, de preferência por escrito, por que eles acham que cada uma das partes recebe esse nome e se eles sugerem algum outro nome que considerem mais adequado.

Obs.: Lembremos que o nome Oriente Médio toma como referência a Europa, mas a região fica no ocidente da Ásia. E que o Subcontinente Indiano também é chamado de Ásia Meridional. Lembrar ainda que a China, por exemplo, se autodenomina Império do Centro.

Finalmente, após ler o texto “Afeganistão: guerras sem fim”, explicar a qual região deve estar ligado o Afeganistão e por quê, já que o país aparece no mapa como estando entre três regiões.

6. Quando abordamos as tensões mais recentes do continente europeu percebemos claramente resquícios do período da chamada Guerra Fria. Os conflitos envolvendo a península Balcânica, onde se situava a antiga Iugoslávia, e a região do Cáucaso, que até a década de 1990 era totalmente controlada pela ex-União Soviética, representam exemplos desse período.

Baseado na leitura dos textos: “Kosovo: os fios trágicos da história” e “O Cáucaso em ebulição” os alunos podem trabalhar as seguintes tarefas: a) A partir de um atlas histórico ou mesmo um atlas geográfico mais antigo (da década de 1990 já é suficiente), peça que os alunos observem como eram as fronteiras antes e depois do final da Guerra Fria, relatando as mudanças; b) Em seguida à leitura dos textos peça que tentem encontrar semelhanças e diferenças entre os dois conflitos; c) Para finalizar, conforme citado no próprio livro, peça que pesquisem na internet, em jornais e revistas, notícias ou comentários que permitam associar os conflitos à Guerra Fria ou as contradições no comportamento de países como Estados Unidos e Rússia em relação às atitudes de separatismo que apoiam e seus interesses na região. Por exemplo, por que os Estados Unidos são a favor da autonomia de Kosovo em relação à Sérvia, mas são contrários ao separatismo da Ossétia do Sul em relação à Geórgia? Do mesmo jeito que a Rússia adota posições exatamente contrárias nesse sentido. Organize um fórum de discussão para debater as conclusões.

7. No texto “Congo: no coração das trevas” o autor apresenta um mapa com as riquezas minerais da República Democrática do Congo, entre elas o coltan, cuja importância é explicada num *box* na página 79.

Após os alunos lerem o texto, e com ajuda do profes-

sor de Química, organize uma atividade interdisciplinar em que eles devem pesquisar a utilização econômica e industrial de outros minerais, como o diamante e o ouro, além de outros escolhidos pelos professores.

Depois da pesquisa sobre a importância dos minerais escolhidos, os alunos devem fazer um levantamento de onde estão as principais reservas mundiais ou quais são os minerais mais abundantes no continente africano.

Concluído esse levantamento, é possível verificar se nos locais da África onde existe abundância de alguns minerais importantes estão ocorrendo conflitos, e organizar um debate sobre a possível relação existente entre os interesses das empresas que exploram tais recursos e os conflitos que existem no continente africano. (Sugestão de referência: *Minerais, minérios, metais: De onde vêm? Para onde vão?*, de Eduardo Leite do Canto. Moderna).

8. Com base no texto “As intermináveis tragédias balcânicas”, é possível organizar uma atividade interdisciplinar com inglês. A região balcânica é marcada, conforme o texto, por conflitos que hoje só estão controlados por conta de intervenções externas de tropas da ONU e da Otan. Após ler o texto, e com a ajuda do professor de inglês, os alunos podem pesquisar no *site* www.nato.int (em inglês) mais informações sobre a Otan (Nato em inglês). No *link* “What is Nato” o aluno encontrará informações básicas sobre a organização que, com a assistência do professor de inglês, podem ser traduzidas. Cada grupo pode ficar responsável por traduzir e explicar uma parte do funcionamento da organização. Na parte “What does Nato do?” existe um *link* para a região balcânica (*Balkans*), cujo breve texto resume as operações da organização nos conflitos regionais.

Os alunos, após as traduções, devem apresentar um texto em português (ou inglês) explicando o que entenderam sobre os conflitos da região a partir da leitura do livro e das informações complementares do *site*.

9. Ao longo de todo o livro o autor oferece, na sessão “Para ler e ver”, dicas de livros e filmes que se referem aos assuntos abordados em cada capítulo. Seria interessante que, dentro da legalidade sobre direitos autorais da exibição de filmes para a coletividade, as escolas pudessem organizar uma sessão de cinema ou um “festival de filmes”.

Podem ser convidados professores de outras disciplinas correlacionadas a cada filme para formar uma mesa-redonda com a participação dos alunos. Vale recomendar que após assistir aos filmes, os alunos devem ler o capítulo indicado e elaborar uma pequena síntese sobre aquilo que conseguiram relacionar entre o texto do livro e a obra de ficção.